
**Torcer é para todos, mas não para todas:
o documentário *The Football Aficionado*¹ sob a perspectiva de gênero e esporte**

Luiz Henrique Zart²
Daiane Bertasso³
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este texto discute brevemente o documentário *Football Aficionado* (2022) utilizando como perspectiva analítico-metodológica a compreensão de gênero e o esporte. A lente de leitura observa a narrativa generificada em torno da protagonista com o objetivo de indicar relações entre esporte e gênero na produção, como uma forma de expor um contexto social determinado – no caso, o iraniano. Na produção, Zahra, uma jovem moradora de Teerã, desafia a legislação teocrática do país e se veste como um homem para frequentar estádios de futebol clandestinamente. Ao compartilhar suas tentativas pelas redes sociais, mobiliza um movimento contra a desigualdade enfrentada no acesso aos estádios. Com isso, o documentário permite refletir sobre atravessamentos protagonizados pelo futebol do ponto de vista social, cultural, político e de gênero.

Palavras-chave: Documentário; Gênero e Esporte; Futebol de Mulheres; Irã.

Situando a produção

The Football Aficionado, dirigido por Sharmin Mojtahedzadeh e Paliz Khoshdel, é um documentário social em longa-metragem (Figura 1) que acompanha a história de Zahra Khoshnavaz, uma jovem iraniana de 27 anos, moradora de Teerã – torcedora apaixonada pelo Persépolis, um dos maiores clubes de futebol da capital, e pela seleção do Irã. Ela, então, decide desafiar a legislação não escrita, teocrática, que proíbe a presença feminina nos estádios, com uma atitude: passa a disfarçar-se de homem e a utilizar as redes sociais como uma ferramenta de engajamento e mobilização social.

Inesperadamente, a ação serve como catalisador de um movimento nacional contra a desigualdade de gênero e atrai a atenção da imprensa abrindo espaços de fala para as mulheres. Zahra acaba se tornando um símbolo contra normas culturais opressivas

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando (bolsista CNPq) e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJor). Integra a coordenação colegiada da Rede de Pesquisa Narrativas Midiáticas Contemporâneas (Renami), ligada à Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Faz parte dos Grupos de Pesquisa Transverso: Estudos em Jornalismo, Interesse Público e Crítica (UFSC) e JorNaL: Jornalismo, Narrativas e Linguagens (UFOP).

³ Professora do Departamento de Jornalismo e do PPGJor. Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). É uma das integrantes da Coordenação da Rede Antonietas de Pesquisa em Jornalismo, Gênero e Interseccionalidades, vinculada à SBPJor, e uma das líderes do Transverso.

e, com isso, o filme, ajuda a refletir sobre os significados da discriminação de gênero ao tratar de pessoas que, em diferentes lugares, enfrentam a luta por direitos. Oferece, portanto, uma possibilidade para pensar nos debates sobre gênero, comunicação e futebol. Desde o lançamento, vale ressaltar, a produção já foi premiada em diversos festivais pelo mundo (Mojtahedzadeh, 2024). Este estudo parte do documentário enquanto narrativa generificada dos acontecimentos em torno da protagonista e propõe um recorte analítico descritivo com o objetivo de indicar relações entre esporte e gênero na produção, como uma forma de expor um contexto social determinado – no caso, o iraniano.

Figura 1 – A capa de *The Football Aficionado*



Fonte: <https://thefootballaficionadomovie.com/>

Antes de a bola rolar: um pouco de contexto

Antes de introduzir a história de Zahra, o documentário abre espaço para o contexto do país em que a narrativa se desenrola: Depois da Revolução Iraniana, em 1979, a legislação do país passou a ser ainda mais restritiva em relação à segregação de gênero e à participação das mulheres em diversos espaços da sociedade – tanto de locais públicos, como escolas, universidades e no trabalho, quanto para a realização de certas atividades, como a ida a jogos de futebol. Durante este período, partidas dos clubes foram interrompidas, situação que permaneceu, com o início da guerra entre Irã e Iraque, até 1981. Foi justamente no começo de outubro daquele ano que foi realizado o último clássico com a permissão de presença de mulheres no estádio.

Depois do fim da guerra, resalta o filme, ativistas pelos direitos das mulheres lutaram contra a proibição por mais de duas décadas por meio de movimentos civis, sem

sucesso. No entanto, isso não impediu que protestantes iranianas buscassem combater esta violência com ações individuais e coletivas. É neste contexto que, em 2018, um grupo de jovens torcedoras do país asiático dá origem ao movimento *As garotas do estádio Azadi*, contra a proibição. Curiosamente, a expressão que dá nome à casa da seleção iraniana, construída em meados dos anos 1970 com capacidade para mais de 100 mil pessoas, é *liberdade*.

Liberdade de torcer é para todas? Considerações sobre esporte, gênero e o documentário

O documentário aborda uma atmosfera cotidiana da vida de Zahra. O elemento central é a proximidade dela com o futebol e os esforços que faz para estar no estádio de forma clandestina. Entre o receio de ir presa, os gastos consideráveis com maquiagem, bigodes falsos, formas variadas de esconder o busto, além da realização de um procedimento estético para implante de sobrancelhas mais robustas – são inúmeras as tentativas de driblar a revista da segurança antes dos jogos. Um anseio surgido depois de um terremoto no Teerã, em que a protagonista, temendo a morte, se questionou sobre o que gostaria de ter feito ao longo da vida: estar presente em um jogo de futebol em seu país como mulher.

Pensar masculinidades e feminilidades no sentido social, cultural e psicológico é parte das reflexões dos estudos de gênero. Assim, o conjunto de comportamentos e expectativas sociais esperados como naturais para homens e mulheres estabelece sentido. Neste sentido, gênero se constitui como uma categoria analítica de organização social de determinados grupos, sujeito a alterações de acordo com o contexto social e cultural (Harding, 1986). É desta perspectiva que a cultura se coloca como determinante às funções esperadas de acordo com o gênero. É aí que o documentário também dialoga com o conceito disposto por Judith Butler, quando argumenta que o gênero é um elemento definidor de inteligibilidade cultural, considerando que “não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca do seu gênero” (Butler, 2003, p. 27). Neste sentido, o gênero se constitui performativamente por meio da linguagem:

[...] se institui através da repetição estilizada dos atos [...] através da estilização do corpo [...] como a forma mundana em que gestos e movimentos do corpo, assim como vários tipos de encenações,

constituem uma ilusão de um obediente self generificado [...] uma façanha performativa na qual o público social mundano – que inclui os atores mesmos – acaba acreditando e encenando de acordo com a crença. Se a base da identidade de gênero é a repetição estilizada dos atos através do tempo [...] então as possibilidades de transformação do gênero se encontram nas relações arbitrárias entre os atos, na possibilidade de outras formas de repetição, na quebra ou repetição subversiva desse estilo” (Butler, 1997, p. 402).

É possível compreender, desta forma, que o conceito não pode ser reducionista ou essencialista, mas necessita ser entendido como algo que é construído socialmente por meio da linguagem. Assim, acaba por apontar para uma construção não linear e permanente dos sujeitos, em que, por meio de diferentes instituições e elementos culturais, são transmitidas determinadas formas de representar ou performar – nos termos de Judith Butler – um gênero. Desta maneira, instituições sociais são criadas por pressupostos de gênero e também participam destas mesmas construções de identidades de gênero.

Soma-se aqui a compreensão de Joan Scott (1995) de que refletir sobre gênero significa pensar sobre as relações sociais que são construídas historicamente por meio da cultura entre os sexos e rejeitar as explicações biológicas, indicando se tratar de “construções culturais” que indicam os papéis “adequados” aos homens e às mulheres. Assim, Scott define gênero em duas partes que estão inter-relacionadas, mas que devem ser analiticamente diferenciadas: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 1995, p. 86).

A primeira parte do conceito é construída performativamente por meio da linguagem, como enfatiza Butler (1997), enquanto o segundo aspecto se refere a explicar que esta construção se dá por meio de relações de poder assimétricas. Ao falar em desigualdade de gênero, destacam-se aspectos sociais e culturais que valorizam um tipo de gênero – no caso o masculino hegemônico – em relação aos demais, ou seja, há uma masculinidade hegemônica que impõe culturalmente aspectos considerados “melhores” e que são atribuídos aos homens que ocupam espaços de poder e decisão em determinadas sociedades.

Ao mesmo tempo é necessário reconhecer que, dependendo da cultura e da sociedade em que estas compreensões sejam formuladas, há diferentes formas de exercer masculinidades e feminilidades (Bandeira & Seffner, 2013, p. 249). Nas suas formas

hegemônicas, a representação “em um dado contexto cultural pode ser pensada como um parâmetro que subordina as demais representações de masculinidades” (Bandeira & Seffner, 2013, p. 249). O corpo é, então, uma “poderosa forma simbólica, uma superfície na qual as normas centrais, as hierarquias e até os comprometimentos metafísicos de uma cultura são inscritos e assim reforçados através da linguagem corporal concreta” (Bordo, 1997, p. 19).

Neste sentido, é pontual perceber, no documentário, que a tentativa de Zahra aciona a performance de uma determinada forma de masculinidade hegemônica – considerando o contexto local – ligada a estruturas institucionais e sociais estabelecidas. Essa ideia é entendida como “um padrão de práticas ([...] coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse” (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 245). É uma demonstração de que estes padrões de identidade orientam as relações de gênero e aquilo que é lido como aceitável dentro de espaços como um estádio de futebol.

Figura 3 – Publicação do Instagram de Zahra no *Azadi Stadium*, em Teerã



Fonte: Captura de tela do documentário feita pelo autor (2025)

É interessante notar, no caso de Zahra, a tensão faz com que significados atribuídos ao gênero sejam constantemente redefinidos e negociados. Como um *habitus* que confirma e orienta “a ação, na medida em que ele próprio como produto das relações sociais assegura a reprodução dessas mesmas relações objetivas que o engendram” (Salvini; Souza; Marchi Junior, 2012, p. 402). Muito da produção se dá com os

documentaristas acompanhando as andanças da protagonista, entre a insistência, a frustração, e a repercussão das tentativas de disfarce registradas nas redes sociais. No campo de treinamento do Persépolis, no *Kazemi Stadium*, por exemplo, junto de um grupo de torcedoras, ela é impedida de atravessar o portão de entrada. Então, grava um vídeo no *Instagram* relatando a situação. Depois, debate estratégias como marcar os jogadores e usar *hashtags* como #wedontgoalone (nós não vamos sozinhas, em tradução livre) antes de tentar assistir a um amistoso entre Irã e Bolívia, junto de um grupo de 150 mulheres, em 16 de outubro de 2018. Em certa medida, esse posicionamento aponta para o uso da comunicação como um elemento de conscientização e das plataformas como amplificadoras de vozes marginalizadas – especialmente em regimes autoritários em que a liberdade de expressão é limitada.

Diante dos protestos, provisoriamente, a Federação Internacional de Futebol (FIFA) determinou o fim do banimento, sob pena de o Irã não poder mais ter o mando das partidas. A intersecção das temáticas não escapa, assim, ao contexto político do país. O documentário traz, então, a fala do Presidente do Irã, Hassan Rohani, destacando a manutenção da lei e da religião do país, e de Mohammad Jafar Montazeri, à época Procurador-Geral do país e figura central na aplicação das leis da República Islâmica, associado à repressão institucional de manifestações e à imposição de normas sociais.

Desta perspectiva, concordando com Bordo (1997, p. 19-20), pontua-se que “nossos princípios políticos conscientes, nossos engajamentos sociais, nossos esforços de mudança podem ser solapados e traídos pela vida de nossos corpos [...] o corpo dócil e regulado, colocado a serviço das normas da vida cultural e habituado às mesmas (Bordo, 1997, p. p. 19-20). É a partir da noção de um corpo dócil que tenta-se justificar a restrição de mulheres a um papel exclusivamente doméstico, meigo, disciplinado e submisso com argumentos moralistas, pseudocientíficos (Adelman, 2003; Braun, 2023), ou mesmo a ideia de que a prática ou assistência esportiva seria incompatível com uma pretensa “naturalidade feminina” (Bonfim, 2021). Reflexão próxima à de Goellner (2000, p. 81), que ressalta:

Criado, modificado, praticado, comentado e dirigido por homens, o futebol parece pertencer ao gênero masculino, como parece também ser de seu domínio o julgamento de quem pode/deve praticá-lo ou não. É quase como se à mulher coubesse a necessidade de autorização masculina para tal.

Esta discussão remete à associação entre futebol e identidade nacional atrelados à masculinidade e às barreiras impostas por diversas estruturas de poder – seja ele institucional ou não – em modalidades tradicionalmente praticadas por homens (Nunes, 2022, p. 130). Situação corroborada por Dunning (1992, p. 390), quando argumenta que o esporte é “tradicionalmente uma das mais importantes áreas reservadas masculinas”, ainda mais evidente quando a prática é a do futebol, socialmente compreendido como masculino (Silveira; Stigger, 2013). Ao mesmo tempo, é pontual pensar a construção de um espaço urbano que, tomado por uma estrutura patriarcal, determina que lugares podem ser acessados e frequentados por quais pessoas, sobretudo quando, neste caso, se pensa no marcador de gênero (Lefebvre, 2001). Ao insistir na participação de um ritual social coletivo como é o torcer, as mulheres reivindicam, também, o direito à cidadania, e apontam para uma articulação de interseccionalidades, em que as opressões de gênero se cruzam com aspectos ligados à religião, à política e à cultura (Crenshaw, 1991).

Figura 4 – Zahra torcendo entre os homens no estádio, vestida como um deles



Fonte: IMDb, 2025.

O documentário levou mais de dois anos para ser produzido. Por isso, em variados momentos, as cenas têm intervalos de meses entre si. Em um destes casos, Zahra frequenta uma loja de roupas atrás de calças. Para encobrir características que socialmente marcam traços femininos do rosto, além de pintar as bochechas, a personagem corta o cabelo e coloca um bigode falso. Uma postura que destaca a conduta normatizadora de um conceito constituído de feminilidade, com os corpos formados por meio das relações sociais (Adelman, 2003). Na nova tentativa de adentrar o estádio, ela passa pela primeira

revista, mas não pela segunda – mesmo alegando ser trans, tem a recusa do funcionário. Em outras oportunidades, conta com a ajuda de desconhecidos para se camuflar, trocar de roupas e despistar os revistadores.

Neste contexto, aponta Nunes (2022, p. 142), o futebol pode ser reconhecido como um "espaço político de disputa por reconhecimento e cidadania", em que o ato de torcer ou simplesmente estar presente no estádio ganha contornos políticos, sobretudo em locais em que a existência delas em espaços públicos é questionada. Além disso, em estádios, o futebol se revela como um espaço que reforça certos comportamentos e normas de gênero, quando representa, também, uma tentativa de controle dos corpos de mulheres. Situação que ocorre alguns meses depois da ida de Zahra à loja de roupas. Ela e outras cinco mulheres disfarçadas são presas por reagirem ao banimento.

Este acontecimento é seguido de passagens de uma reportagem tratando de Sahar Khodayari, conhecida como *Blue Girl* – apelido ligado às cores do Esteghal FC, rival do Persépolis. A jovem iraniana se tornou símbolo da luta contra a repressão estatal por, em setembro de 2019, aos 29 anos, tentar entrar no *Azadi*. Presa e liberada após pagar fiança, descobriu que poderia passar seis meses atrás das grades se insistisse em violar a lei. Ao saber disso, ateou fogo contra o próprio corpo em frente ao Tribunal e morreu dias depois, por conta da gravidade das queimaduras. A morte da *Blue Girl* gerou comoção mundial, com jogadores de clubes como o Bayern de Munique, da Alemanha, e a Roma, da Itália, a prestar solidariedade.

O acontecimento pressionou a FIFA a atuar sobre autoridades iranianas – o que resultou em algumas autorizações limitadas e reacendeu as discussões sobre direitos das mulheres no país. Zahra foi julgada um ano e meio após ser detida pela última vez. Condenada a dois meses de prisão, teve a pena convertida ao pagamento de multa. Apesar disso, a postura contrária às proibições vista quando ela se travestia e adentrava um espaço tipicamente masculino segue como um símbolo de reivindicação de espaços historicamente negados, afirmação de identidade e resistência contra opressões de gênero.

Considerações finais

Além de propor uma reflexão sobre a cultura torcedora em contextos socialmente hostis, o documentário expõe o futebol como um espaço de disputa simbólica. Uma disputa, sobretudo no sentido de *quem/quais corpos* têm permissão a

estarem/serem/existirem em determinados locais. É nesta direção que a compreensão de gênero pode ser tratada como uma prática discursiva, corporal e performativa – além de que está também em constante disputa de sentidos e significados, por meio da qual se adquire determinada inteligibilidade social, passando a estabelecer sentido no cotidiano.

Ao longo do documentário, ainda que seja preciso destacar que exista uma intencionalidade narrativa, e não um registro unívoco da realidade, é possível perceber de que forma os papéis e as representações de gênero aparecem como elementos da narrativa. Envolto no contexto histórico e social, modelos de masculinidade e feminilidade hegemônicos têm, no esporte, uma das principais ferramentas de estagnação – das determinações aparentemente “simples”, como a distinção das modalidades por gênero até a repercussão midiática à qual este entendimento está exposto. Estes padrões orientam algo que é visto no documentário de forma mais explícita quando a protagonista performa uma maneira socialmente aceita – no contexto iraniano – de se vestir e comportar para ser lida como masculina e poder adentrar o espaço do estádio de futebol.

No documentário, a atitude de Zahra aponta não apenas para uma atitude atomizada, característica das sociedades neoliberais. Pelo contrário, usa da indignação causada pela injustiça para mobilizar um grupo envolvido com a mesma dinâmica, atingido pelos mesmos afetos. Situação que, muito provavelmente, não teria o mesmo alcance se não tivesse as redes sociais como uma ferramenta de comunicação. O documentário dá pistas de que o ato de torcer envolve, sobretudo em certos contextos, pertencimento, identidade e um pensamento comum. Elementos que procuram não apenas uma simples manifestação, mas também porque movem, a partir da coletividade, as estruturas sociais. Inclusive aquelas em que o filme é ambientado, quando torcer é algo para todos, mas não para todas.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, M. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Revista Estudos Feministas**, v. 11, p. 445-465, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000200006>. Acesso em: 02 jun. 2025.

BANDEIRA, G. A.; SEFFNER, F. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, Toledo, v. 14, n. 29, p. 246–270, 2013.

BONFIM, A. Proibido 80 anos atrás, futebol feminino no Brasil evolui e busca recuperar atraso. **Folha de S.Paulo**, 14 abr. 2021. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2021/04/proibido-ha-80-anos-futebol-feminino-no-brasil-evolui-e-busca-recuperar-atraso.shtml>. Acesso em: 30 maio 2025.

BORDO, S. R. O corpo e a reprodução da femininidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, A.M; BORDO, S.R. (Orgs) **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

BRAUN, J. Futebol feminino: os pretextos usados para proibir prática no Brasil e no exterior. **BBC News Brasil**, 19 jul. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cw4gjkxlrldko>. Acesso em: 31 maio 2025.

BUTLER, J. "Performative Acts and Gender Constitution." In: CONBOY, K.; MEDINA, N.; STANBURY, S. **Writing on the Body: Female Embodiment and Feminist Theory**. New York: Columbia University Press, 1997. p. 401-417.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONNELL, R.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013.

CRENSHAW, K. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6, p. 1241–1299, 1991.

DUNNING, E. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difusão Editorial, 1992. p. 389-412.

GOELLNER, S. Pode a mulher praticar o futebol? In: CARRANO, P.C. **Futebol, paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p.79-94.

HARDING, S. **The science question in feminism**. London: Cornell, 1986.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

MOJTAHEDZADEH, S. The Football Aficionado Official Movie Trailer. [Vídeo]. **YouTube**, 01 fev. 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8--8380xnMg&ab_channel=SharminMojtahedzadeh. Acesso em: 18 jun. 2025.

NUNES, C. F. P. Questões de gênero e a proibição do futebol feminino no Brasil pelo Decreto-Lei nº 3.199/1941. **Revista Direito e Sexualidade**, Salvador, v. 3, n. 1, p. 126–148, 2022. DOI: 10.9771/revdirsex.v3i1.45109.

SALVINI, L.; SOUZA, J.; MARCHI JUNIOR, W.. A violência simbólica e a dominação masculina no campo esportivo: algumas notas e digressões teóricas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, p. 401-410, 2012.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SILVEIRA, R; STIGGER, M. P. Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 179-194, jan./mar. 2013.